

Concepções de Avaliação da Aprendizagem: um estudo da perspectiva de docentes do Curso de Odontologia do Centro Universitário do Pará

Jader Moreira da Silva*, Otília Maria Lúcia Barbosa Seiffert**, Oscar Faciola Pessoa***

* Professor Mestre do Curso de Odontologia do Centro Universitário do Pará

** Professora Doutora do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde – CEDESS da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

*** Professor Doutor da Disciplina de Endodontia do Curso de Odontologia do CESUPA

RESUMO

O propósito deste artigo é apresentar resultados parciais de um estudo sobre concepções e práticas de avaliação de aprendizagem de docentes do Curso de Odontologia do Centro Universitário do Pará - CESUPA. O objetivo principal é analisar as concepções e significados atribuídos pelos docentes às atividades avaliativas discentes. O percurso metodológico compreendeu uma revisão bibliográfica sobre avaliação do processo-ensino aprendizagem, a seleção de depoimentos oriundos de questionário semi-estruturado aplicado junto a 16 docentes do Curso de Odontologia; sistematização, análise e discussão dos resultados, orientadas pela técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelam o predomínio de uma concepção formativa de suas práticas avaliativas, além da presença de uma prática docente mais crítica e transformadora.

DESCRITORES

Avaliação da Aprendizagem. Avaliação Formativa. Curso de Odontologia. Educação em Odontologia. CESUPA.

No intuito de transformar o ambiente de formação em espaços dinâmicos e participativos, necessário se faz compreender dentre os muitos aspectos do trabalho pedagógico docente, o papel da avaliação da aprendizagem. Neste sentido, deve-se

reconhecer a premissa que a reflexão sobre o processo de formação demanda considerar que a avaliação do discente pode favorecer a coleta de evidências sobre a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, do projeto político pedagógico, e, conseqüente, realizações para a transformação necessária.

Conhecer os fundamentos que orientam as práticas avaliativas projetadas e executadas por docentes, pode corresponder a um referencial para tomada de decisões por parte da instituição formadora, do professor e do estudante. Assim sendo, se estará oportunizando a esses atores sociais a análise e compreensão de um dos aspectos importantes do/no processo de formação, ou seja, a oportunidade de verificar se os objetivos propostos no projeto político pedagógico estão qualitativamente sendo atingidos.

Partindo desta orientação, a seguinte questão norteou este estudo: *O que é avaliação para você?* Buscar respostas a esta indagação e socializar os resultados representam compromisso de poder oferecer possíveis subsídios às instituições formadoras de odontólogos à medida que se possa induzir reflexões e debates sobre o trabalho docente.

Neste sentido, o objetivo principal deste trabalho é analisar as concepções de avaliação de docentes de Odontologia do Centro Universitário do Pará (CESUPA), apreendendo o seu significado no âmbito da formação profissional de um Cirurgião Dentista.

METODOLOGIA

O processo de desenvolvimento deste estudo compreendeu momentos distintos, porém interligados. A *revisão bibliográfica* sobre avaliação do processo ensino-aprendizagem constituindo-se num marco do ponto de partida da investigação e uma referência contínua ao levantamento, análise e discussão de informações sobre a avaliação do discente em diferentes atividades curriculares.

Para o *levantamento dos dados empíricos*, ou seja, das concepções de professores, foram utilizadas as respostas de um questionário semi-estruturado, elaborado por uma especialista em Avaliação Educacional, cujo objetivo foi coletar informações sobre as práticas avaliativas em diferentes Cursos de Graduação do CESU-PA. A aplicação se efetivou na fase inicial de uma Oficina de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem, realizada em janeiro de 2005, junto aos professores da área de Ciências da Saúde da instituição. Em se tratando do Curso de Odontologia, participaram 39% (16) de um total de 41 professores.

A etapa analítica compreendeu a leitura das respostas, dimensionamento de eixos temáticos a partir dessa leitura, escolha de depoimentos correspondentes aos eixos temáticos contemplados, bem como a análise e discussão dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisar ao trabalho pedagógico docente, principalmente quando se trata de pares, merece inicialmente considerar a intenção em fazê-lo. Sabe-se que qualquer exposição pública de opiniões, concepções ou detalhes de nossa prática docente cotidiana em ambientes de formação pode deixar transparecer alguns momentos e movimentos da realidade que não se deseja enfrentar e/ou expor. Entretanto, este trabalho não tem o propósito de mostrar incertezas, inseguranças, dúvidas e os anseios, ou até as posições firmes e seguras de muitos professores experientes na instituição, mas sim, apresentar uma análise descritiva das concepções manifestadas pelos docentes, procurando dessa forma mobilizar reflexões sobre os depoimentos, na perspectiva de contribuir para essa busca constante e contínua pelo aperfeiçoamento da formação profissional superior através da auto-avaliação.

Por tanto, a intenção neste momento é colocar em foco a *palavra* do professor, considerando-a como manifestação do cotidiano acadêmico, logo, reveladora de possíveis evidências sobre idéias e práticas que se desenvolvem e acontecem no espaço de formação do odontólogo.

Considerando a abrangência das respostas emitidas no questionário no que se refere à avaliação do processo ensino-aprendizagem, vários foram os aspectos abordados pelos docentes. No entanto, neste trabalho serão apenas considerados os depoimentos que entendemos manifestar as concepções sobre avaliação.

Concepção é o “ato ou efeito de conceber, gerar ou de formar idéias”.⁵

A concepção de avaliação da aprendizagem determina uma série de diferenciados caminhos a percorrer na avaliação e no trabalho pedagógico como um todo.² Desta forma, os professores devem estar conscientes das concepções que regem suas ações.⁸ As diversas concepções de avaliações da aprendizagem indicam vários procedimentos e conseqüências pedagógicas, pessoais e sociais em seus grupos de trabalho.³

Por tanto, assumi-las como ponto de reflexão implica considerar a possibilidade de desvelar evidências acerca das atividades da vida acadêmica e pessoal, pois orientam as ações das pessoas nas suas relações com outras pessoas, ou seja, com o mundo social concreto.

As respostas dos docentes revelaram um elevado grau de homogeneidade e consistência, convergindo para duas modalidades avaliativas:

- Formativa e
- Somativa.

Concepção Formativa

Percebe-se uma relação, em sua maioria, direta com um processo de construção e que é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, além de subsidiar o alcance dos objetivos propostos pelo curso e pelas disciplinas, como expressam as respostas a seguir:

“É um processo que visa colaborar com o ensino-aprendizado.”

“É um item necessário e indispensável do processo ensino-aprendizagem.”

“Processo continuado que deve ser usado para tentar comprovar se o processo de ensinagem terá bons resultados.”

“Um processo contínuo, complexo e susceptível a diferentes formas interferência. Deve ser baseado no binômio professor-aluno, objetivando mensurar qualitativa e quantitativamente o processo ensino-aprendizagem. Contudo respeitando as especificidades do grupo em que é aplicado e sujeito a constantes processos de transformação.”

“É o processo que permite traçar o perfil do aluno a partir

de atividades variadas levando em conta a participação dos alunos e sua aprendizagem.”

Poder-se-ia dizer que a aprendizagem, de acordo com a corrente construtivista, é processo ativo e de construção do sujeito, complexo, integral e se conforma a partir das estruturas conceituais prévias. A aprendizagem, por conseguinte, é uma

“construção por meio da qual se modifica a estrutura da mente, alcançando assim uma maior diversidade, complexidade e integração, cada nova reestruturação implica uma volta mais acima no espiral do conhecimento”.⁶

Nesta direção, a aprendizagem proporciona ao estudante a oportunidade de ser árbitro de sua própria formação, o qual lhe permite conhecer seus avanços e suas limitações.¹⁵

As práticas de avaliação devem ser integradas ao processo de facilitação-aprendizagem para que os participantes possam cumprir exitosamente com as atividades que desejam empreender dentro de sua área de formação. Desta maneira, assume-se uma avaliação comprometida não só com seus resultados, bem como com o processo de formação do ser que se está preparando mediante a metacognição e a autorregulação da aprendizagem.⁶

“Um processo de construção contínuo onde o professor ajuda a fazer os alicerces com conhecimentos sólidos para a vida profissional”

“É um processo de construção”

“Processo constante de transformação e construção.”

O ser humano age em função de construir resultados. Para tanto, pode agir aleatoriamente ou de modo planejado. Agir aleatoriamente significa “ir fazendo as coisas”, sem ter clareza de onde se quer chegar; agir de modo planejado significa estabelecer fins e construí-los por meio de uma ação intencional. Avaliação poderia ser compreendida como uma crítica do percurso de uma ação, seja ela curta, seja prolongada. Enquanto o planejamento dimensiona o que se vai construir, a avaliação subsidia essa construção, porque fundamenta novas decisões.¹¹

Assim, ao quisermos efetivar ações construtivistas no nosso processo avaliativo, tornam-se necessários planejamento criterioso e conhecimento prévio para que possamos lidar com situações diversas durante o desenvolvimento de nosso trabalho em sala de aula.

O processo avaliativo não deve estar centrado no

entendimento imediato pelo aluno das noções em estudo, ou no entendimento de todos em tempos equivalentes. Essencialmente, porque não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estarão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os a prosseguir sempre.⁸

“Elemento do processo de ensino-aprendizagem que deve fornecer dados sobre a evolução, crescimento ou não do aluno frente aos objetivos da disciplina, além de promover o encaminhamento a recuperação do conhecimento que faltou atingir.”

Esta resposta traduz idéia defendida por Loureiro¹⁰ (2006), quando aponta que a avaliação tem como objetivo básico um processo contínuo durante todo o desenvolvimento de uma atividade curricular, favorecendo o diagnóstico e regulação do processo ensino-aprendizagem, redirecionando-o quando necessário, e a identificação de necessidades de mudanças, devendo propiciar ao docente uma concreta retroalimentação.

Neste sentido, o papel do educador será o de intervir no processo de aprendizagem, com responsabilidade e comprometimento. Ajudar o aluno a apropriar-se do conhecimento construído, de lhe dar significação, de gerir diferenças, de problematizar, de motivar, de provocar; enfim, de dar condições ao indivíduo de desenvolver um pensamento e um discurso próprios.¹² Dessa forma, o professor deve observar e registrar suas impressões, orientando e indicando ajustes e possibilidades de melhoria do trabalho que os estudantes desenvolvem.¹⁴

“Para mim, avaliação é e deveria ser um comportamento de atenção para os resultados de seu trabalho como professor em relação aos alunos e uma análise da ação de cada aluno em relação ao conhecimento que você transfere para ele, ou tenta transferir, para atingir um objetivo: formar um profissional competente e, na área da saúde, também com atuação humanizada, respeitando o seu instrumento de trabalho que é o outro ser humano, normal ou com deficiências.”

No complexo processo de ensino-aprendizagem deve considerar a diversidade dos educandos, pois o processo avaliativo acompanha o caráter dinâmico e espiralados da construção do conhecimento, assumindo diferentes dimensões e significados a cada

etapa dessa construção. A relação professor/aluno, via avaliação, é complexa e multidimensional à medida que representa, permanentemente, enviar e traduzir mensagens por ambas as partes. Cada um deles estará sempre interpretando o que observa do outro, tanto em relação ao processo de aprender, quanto ao próprio conteúdo de aprendizagem.⁸

Avaliar para promover suscita, portanto, anotações significativas sobre o que se observa do aluno ao longo do processo – significado este que deve corresponder ao conjunto de suas aprendizagens, de suas condutas, de seus relacionamentos. Pode-se perceber, a partir daí, a incongruência e fragilidade dos registros em graus numéricos ou conceitos classificatórios no processo avaliativo.⁸

“É a forma de se constatar o alcance dos objetivos traçados pelo avaliador, que de alguma maneira conduziu uma tarefa necessária para implantar um pensamento, uma conduta ou até a procura de idéias coerentes com o seu papel de educador”

“Processo em que verificamos o desenvolvimento da disciplina, no olhar do professor e do aluno, um instrumento importante para verificar se os objetivos propostos foram alcançados e tentar identificar porque não foram alcançados”.

Alguns docentes do Curso de Odontologia do CE-SUPA percebem a avaliação como processo que favorece ou facilita o alcance dos objetivos do processo de ensino-aprendizagem.

Há o reconhecimento que a avaliação seja intimamente articulada com os objetivos-conteúdos-métodos expressos no plano de ensino. Os objetivos explicitam conhecimentos, habilidades e atitudes, cuja compreensão, assimilação e aplicação, por meio de métodos adequados, devem manifestar-se em resultados obtidos nos exercícios, provas, conversação didática, trabalho independente etc. Assim, é indispensável a explicitação clara dos objetivos, pois os estudantes precisam saber *por que e para que* estão trabalhando e no *que* estão sendo avaliados.⁹

Ainda nesta modalidade formativa, alguns professores indicam a importância de se abranger a dimensão afetiva (atitudes) no processo de avaliação. As respostas que se aproximam a esta abordagem foram:

“Do ponto de minha disciplina, português instrumental, a avaliação deve levar o aluno a ter uma postura segura em relação a si e, principalmente uma visão solidária e consciente do mundo em que vivemos.”

“Representa uma forma de continuar a transmissão de conhecimentos. Significa aproveitar as aptidões de cada aluno. Como se trata de turmas heterogêneas a avaliação deve ser de processos diferentes, desta forma aproveita as aptidões e estímulos na busca de situações onde pode existir alguma ‘adversidade’.”

A avaliação de atitudes ainda permanece sendo a dimensão insuficientemente privilegiada nas práticas avaliativas, sendo considerados os aspectos menos observados pelos docentes em seu processo de facilitação da aprendizagem e que a dificuldade pode ser explicada pelo fato da atitude envolver comportamentos e experiências de caráter subjetivo que exigem juízos avaliativos qualitativos, que dificultam o estabelecimento de valores numéricos ou notas.⁸

Porém, ao ser considerar o aluno como um todo, a avaliação de atitudes deverá ser privilegiada. Entretanto, existem atitudes inerentes ao próprio conhecimento de uma determinada habilidade ou experiência, atitudes estas que devem ter maior significação no processo avaliativo, tais como participação, disciplina, relacionamento, dentre outras.¹

A facilitação das atitudes leva a desenvolver e fortalecer aquelas que permitam fomentar ao participante, entre outros aspectos, o respeito, a solidariedade e a cooperação e minimizar as negativas como o individualismo, a intolerância ao trabalho coletivo e o egoísmo. É importante assinalar que o docente tem um papel fundamental na promoção e divulgação de atitudes positivas nos estudantes e ele pode lograr através de

- a)** proporcionar uma mensagem persuasiva;
- b)** a modelagem de atitudes e
- c)** a indução de dissonância entre os componentes cognitivo, afetivo e de conduta.¹⁵

Assim, parece mais importante promover as atitudes continuamente, verificando sua incorporação pelo aluno, do que simplesmente registrá-las por meio de uma nota.¹

Os depoimentos analisados oferecem, desta forma, uma percepção significativamente positiva em relação a avanços sobre o pensamento dos docentes acerca da importância de que os processos avaliativos devem ser contínuos, formativos, participativos, emancipatórios ou construtivistas.

É de valiosa importância que esta avaliação formativa seja implantada em todas as disciplinas, pois apresenta uma orientação coletiva diferenciada voltada

para a valorização do processo de aprendizagem. Se esta orientação não for implementada coletivamente, corre-se o risco de a avaliação formativa ser esvaziada na comparação com a forma tradicional de se avaliar com provas e trabalhos em momentos específicos.¹²

Concepção Somativa

Alguns docentes associam a avaliação da aprendizagem com procedimentos que visem a *medição* ou *verificação*. Esta concepção encontra consonância com a matriz epistemológica objetivista ou positivista que valoriza testes, questões de múltipla escolha, dentre outros. Estes achados coincidem com as observações encontradas por Freitas⁵ (2005) quando pesquisou este tipo de concepção com egressos-docentes de um curso de formação didático-pedagógica da área de saúde, ressaltando que esses ainda expressam conceitos estreitos sobre avaliação compreendendo-a como um julgamento definitivo do aluno. Nessa visão, os docentes perdem a oportunidade de realizar uma avaliação contínua do estudante ao longo do período de formação. Os registros a seguir revelam a presença desse referencial entre alguns professores:

“É medir a capacidade de aprendizagem do aluno e a capacidade do professor de ensinar.”

“É um momento de verificação do processo ensino-aprendizagem que permite ao professor e aluno a sedimentação do conhecimento.”

A natureza epistemológica do modelo objetivista fragmenta a realidade e pressupõe, erroneamente, que a totalidade pode ser concebida por associações de elementos parciais, os quais, desde que somados e interligados, têm, em tese, condições de explicar o todo.⁴ Tal premissa ainda orienta as práticas avaliativas em diversas atividades curriculares no âmbito do ensino superior.

Ao se refletir sobre a prática da medição e verificação, percebe-se que alguns fatores parecem contribuir para a manutenção de tal concepção:

- a autonomia didática dos professores, decorrente de suas especializações em determinadas disciplinas e/ou áreas de pesquisa, que dificulta a articulação necessária entre os docentes, sinalizando a necessidade de uma reflexão conjunta sobre essa questão; e
- a natureza da formação didática dos professores, que se revela, na maioria das vezes, por um quadro de ausência absoluta de aprofundamento teórico em avaliação educacional.⁷

Somando-se a isto, o estabelecimento da avaliação formal nessa perspectiva se insere no processo de criação de um sistema centralizado de ensino, como parte do movimento de racionalização dos processos sociais, que levou ao conceito de exame a se consolidar como medida educacional.³

Cabe ressaltar que no século XX evidencia-se a preocupação especialmente com a medida educacional, representadas pela construção de instrumentos, como provas standardizadas capazes de revelar cientificamente os interesses, atitudes, capacidades, desenvolvimento, progresso, rendimento e inteligência dos estudantes. Essa prática se apóia essencialmente no estabelecimento de um padrão que serve como termo de comparação, diferenciação, classificação e exclusão.⁴ Este modelo tem como metas o controle e a classificação dos indivíduos a partir da standardização de instrumentos e critérios que atuam no sentido de homogeneizar comportamentos, atitudes e conhecimentos, consolidando a concepção de unicidade de significados. O projeto de avaliação, em suas diversas formulações práticas, fica demarcado por uma concepção que associa a aprendizagem à memorização e à repetição do ensinado.³

É no trabalho pedagógico orientado por essa abordagem que se situa a maior incidência de desgaste na relação professor/aluno. Verdadeiras guerras podem surgir quando o objetivo maior é uma nota, ou seja, *passar ou não passar*. Tal posição coloca-se do lado oposto da aprendizagem significativa, onde o professor, como facilitador, não será mais o intocável e sim o amigo ou colega, comprometido com a formação de um profissional.

Muitos estudiosos contemporâneos (Arroyo, Demo, Estrela, Hadji, Luckesi, Macedo, Perrenoud, Vasconcellos, Zabala e muitos outros) apontam em uníssono a preocupação em superar o viés positivista e classificatório das práticas avaliativas escolares, retomando-as em seu sentido ético, de juízo consciente de valor, de respeito às diferenças, de compromisso com a aprendizagem para todos e a formação da cidadania.⁸

CONCLUSÃO

O estudo permite evidenciar avanços quanto a percepção de docentes acerca da avaliação da aprendizagem que se realiza no Curso de Odontologia do CESUPA. Os resultados apontam para a ênfase que é dada à concepção formativa e a movimentos de afastamento da perspectiva centrada no aspecto somativo do desempenho do estudante. Isto sinaliza um avanço importante que abre portas para a melhoria do tra-

balho docente, com desdobramentos na formação profissional do odontólogo.

ABSTRACT

Learning evaluation conceptions: a study from the perspective of the faculty of the Dentistry Course of the Pará University Center

The objective of the present study was to consider the evaluation practices of the Dentistry Course of the Pará University Center (CESUPA). The main purpose was to analyze conceptions and meanings attributed by the faculty to their evaluation practices. The methodological process involved a bibliographic review of higher education teaching, emphasizing both national and international scientific productions, particularly texts on the learning evaluation and specifically on the teaching of dentistry; a questionnaire applied to 16 professors from different years of the Dentistry Course; systematization of data; and analysis and discussion of the results through content analysis. The results revealed the predominance of a formative conception of their evaluation practices.

DESCRIPTORS

Learning Evaluation. Formative Evaluation. Dental Faculty. Dental Education. CESUPA. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Depresbiteris, Lea. Avaliação da aprendizagem do ponto de vista técnico-científico e filosófico-político. São Paulo: FDE, 1998; Série Idéias(8): 161-172.
2. Diligenti, Marcos Pereira. Avaliação participativa no ensino superior e profissionalizante. Porto Alegre: Mediação, 2003. 96p.
3. Esteban, M.T. O que sabe - Quem erra? Reflexões sobre Avaliação e Fracasso Escolar. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
4. Franco, Maria Laura P. Barbosa. Pressupostos Epistemológicos da avaliação Educacional. In SOUSA, Clarilza Prado (org) Avaliação do Rendimento Escolar. 5ª ed. Capinas: Papirus, 1995.
5. Freitas, Maria A. O. Pós-graduação e formação docente: a experiência da disciplina de formação didático-pedagógica em saúde na UNIFESP. 2005. 128f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade Federal de São Pulo, São Paulo, 2005.
6. Garzón, C.; Vivas, M. Una didáctica constructivista en el aula universitaria. Revista Educere., Mérida: Facultad de Humanidades, Universidad de Los Andes 1999; 3(5).
7. Hoffmann, Jussara Maria Lerch. Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento. São Paulo: FDE, 1994; Série idéias(22): 51-59.
8. Hoffmann, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2005.
9. Libaneo, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
10. Loureiro, Regina Maria Tolesano; *et al.* Avaliação do desempenho do docente com a participação do corpo discente no ensino superior. Revista da ABENO, 2006; 6(2): 199-22.
11. Luckesi, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1995.
12. Masetto, Marcos T.; Prado, Andréa S. Processo de Avaliação da Aprendizagem em Curso de Odontologia. Revista da ABENO, 2004; 4(1):48-56.
13. Rios, Terezinha Azeredo. A importância dos conteúdos sócio-culturais no processo avaliativo. São Paulo: FDE, 1998; Série Idéias(8): 37-43.
14. Romanowski, Joana P.; Wachowicz, Lillian. Avaliação Formativa no Ensino Superior: que resistências manifestam os professores e os alunos? IN: Anastasiou, Lea das Graças; Passos, Leonir (Orgs.) Processos de Ensinagem na Universidade – Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: UNIVILLE, 2003.
15. Ruiz, Lidia F; Rivera, Lizabeth Pachano. La docencia universitaria y las prácticas evaluativas. Educere. Venezuela, 2005; 9(31): 531-40.

Recebido em 07/04/2009

Aceito em 29/06/2009